



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

ASTRAIN, RICARDO FLORENTINO SALAS. **O SAGRADO E O HUMANO: PARA UMA HERMENÊUTICA DOS SÍMBOLOS RELIGIOSOS.**  
NOVA PETRÓPOLIS: EDITORA NOVA HARMONIA LTDA, 2018.

SIMONE GOMES DE FARIA<sup>1</sup>

O título do livro nos revela nitidamente a organização da obra, pois procura adentrar nas sendas do diálogo entre o sagrado, profano, religioso e o humano. Neste caso, esta interconexão decorre em contextos populares de camponeses, em específico, no reduto Chileno, através da sua maior comunidade indígena: os Mapuches. No que se refere a hermenêutica, de modo sintético, esta representa o estudo de um tipo de interpretação que se centra na linguagem religiosa como por ora é exposta aqui.

Entretantes, o seu tema central gira à volta da religiosidade popular, somadas de questões a respeito da realidade social e filosófica, pois, ensejam como mote pontos sobre a problemática do simbolismo que pode ser entendida a partir de algumas explicações originadas na experiência usual e corriqueira de pessoas que viveram/em no interior destas comunidades. De tal modo, o objetivo geral da obra, é trazer à tona questões relacionadas ao sagrado, para que se compreenda as manifestações religiosas populares e os processos culturais velados, no esforço perceber pistas de religiões cristãs no sagrado popular destes ameríndios.

Partindo do que foi exposto, a tese de Austrin, tenciona desnudar o processo de inovação simbólica emergente no interior das culturas populares, camponesas e étnicas. Neste ínterim, o autor denota que dentro do contexto religioso aborígene, ao longo do tempo, os símbolos, as imagens e os textos do sagrado pertencentes

1 Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

ao mundo dos Mapuches, foram incorporando pegadas de símbolos religiosos cristãos, ocorrendo um processo de hibridização do cristianismo, ou seja, os símbolos religiosos atuais não são uma pura repetição da poética ancestral porque foram criadas à luz de um entrecruzamento semântico religioso de tradições onde os sujeitos recriaram os temas tradicionais e ancestrais.

Por conseguinte, a pretensão deste frutuoso trabalho consiste em fazer com que o leitor compreenda o processo de inovação religiosa a partir de um certâmen mais aproximado da hermenêutica da linguagem havendo um interesse evidente de perquirir a estrutura simbólica das religiões e dos exames dos significados considerados a partir de uma estruturação linguística discursiva. A variedade destes símbolos contribui para a coexistência de vários tipos de interpretações no interior dos próprios universos culturais, como no seio de outras culturas, na tentativa de que se possa compreender os imaginários religiosos que são dotados de significações enigmáticas e misteriosas, bem como, deslindar os símbolos religiosos.

No que refere as reflexões alusivas ao simbolismo das sociedades tradicionais, o livro mapeia por meio da hermenêutica do simbolismo de que forma sucederam as transformações do imaginário religioso no final do século. Além disso, manifesta a procura constante de sentido para estas inovações advindas por meio deste simbolismo religioso nas culturas tradicionais, adentrando no terreno da interpretação dos símbolos religiosos ao averiguar como estes se rearticularam com o mundo do sagrado a partir das propriedades da linguagem simbólica.

Notoriamente sua ótica hermenêutica dialoga com Ditley, Heidegger, Gadamer, Habermas e Apel, difundidos na filosofia francesa através das obras de Ricoeur e Ladrière. Assim sendo, dentro do seu escopo conceitual nas questões mais especulativas, Austrin internaliza os princípios teóricos a respeito do simbolismo de Paul Ricoeur. Entretanto, a medida que avançamos na leitura, o autor esclarece que em alguns pontos tende a discordar de Ricoeur. Ademais, ampara-se teoricamente das aduções de J. Ladrière para tratar com mais propriedade as virtualidades semânticas do simbolismo. Neste enfoque, suas elaborações teóricas primam pela pragmática-hermenêutica de filósofos como: M. Maeschalck, J. M. Ferry, R. Panikkar, A. Sidekum e, principalmente, de R. Fernet-Betancourt.

Para as discussões acerca do mundo popular, o autor se ambienta nas conclusões de Eduardo Devés, Carlos Ossandón e Mario Berríos. Tais estudiosos ensejam considerações importantes sobre o rumo atual da Ciências Sociais da América Latina e tendem a explicar as causas e as consequências que motivaram/am para que as pesquisas situadas nesta região estejam impactando menos no mundo atualmente. Na esfera das pesquisas etno-históricas e antropológicas a respeito da cultura e da linguagem religiosa dos Mapuches, há uma intertextualidade nos trabalhos de Pablo Salvat e Cristián Parker ao redor da religiosidade popular,

bem como, dos pesquisadores do Programa Mapuche do CERC: Ramón Currivil e Alejandro Aguayo.

O procedimento metodológico adotado pelo autor foi o da História Oral, especificamente, na Tradição Oral, em comunidades camponesas, já que suas reflexões advêm de um conjunto de interpretações que surgiram através de pessoas sábias e religiosas do Chile, que trouxeram considerações produtivas a respeito do sagrado.

Partindo do pressuposto de que já compreendemos o percurso teórico e metodológico do autor, é importante informar que ao longo das 205 páginas o livro se subdivide em sete capítulos. Em cada um dos estudos o autor procurou sobrelevar a fecunda atividade simbólica do *homo religiosus* do Chile. Deste modo, os estudos se articulam na compreensão dos processos simbólicos dos cantores populares, dos poetas camponeses e dos sábios Mapuches. Aprofunda a reflexão filosófica a respeito das articulações semânticas de imagens, símbolos e mitos que mostram sua vitalidade e a permanente criatividade em um conjunto de interpretações que rompem com o racionalismo cartesiano. A perspectiva desses estudos situa-se claramente em uma teoria compreensiva da experiência humana religiosa, assim, a narrativa busca traçar três contornos teóricos que constituem a hipótese central do livro: a hermenêutica como mediação cultural e teórica, o simbolismo como textura de significações e a criatividade simbólica.

O capítulo I reporta-se a relatos orais de camponeses nas comunidades mapuches em uma pesquisa sobre o Tue-Tué, símbolo indígena que não pode ser visto, mas sentido quando passa, e que segundo os relatos apresenta uma cabeça humana e corpo de ave. Ao longo do tempo foi reacomodado em outras tradições culturais, ou semanticamente como inovação cultural, termo emprestado de Paul Ricouer. Os elementos indígenas são interpretados no marco cultural em transformação, incorporando traços da influência mitológica Mapuche, da religião popular espanhola e da crença espírita de Allan Kardec. Aqui não se segrega a identidade cultural do relato porque é nele que surge a possibilidade de alguém sentir-se formando parte de uma tradição. O autor conclui que embora se percam elementos étnicos mais específicos estes conseguem manter as grandes redes simbólicas.

O capítulo II aborda dos relatos que envolvem a morte violenta de pessoas da comunidade e são considerados “santos populares”, as, assim chamadas, *Animitas*. São pessoas que morreram de forma trágica ou funesta e no local de sua morte são erigidos santuários ou capelas. Neste limiar, o que se sabe é que o seu surgimento tem formas ancestrais no animismo, mas, com o passar do tempo, incorporou elementos do cristianismo através de práticas devocionais católicas relativas ao culto dos santos, tais como: cruzeiros, velas, orações, adornos, Virgens, entre outras. Aqui

há uma forte ligação entre a morte trágica e o fenômeno da violência desenfreada dos sistemas econômicos-sociais e culturais à sombra dos quais os pobres vivem. *Animata* é um ser dual, incorporando traços do sagrado e elementos católicos, pois são considerados como santos, todavia, populares.

O capítulo III enfoca o sentido religioso da poesia popular de Violeta Parra. É realizado um estudo das diferentes reformulações concernentes aos símbolos religiosos nas culturas camponesas e populares. Aqui o autor analisa uma cantora popular que oferece em seus diferentes versos e canções uma crítica bastante profunda ao discurso clerical, em suma, o escopo é o de estudar a poesia religiosa sob o prisma de um conflito discursivo, visto que, na obra de Violeta Parra, é possível estruturar uma série de temas, ironias e denúncias da vida de alguns clérigos. O simbolismo religioso de Violeta Parra é uma crítica mordaz à utilização política do imaginário religioso cristão, assim, a questão filosófica mais importante delineada está em saber se o simbolismo se torna apurado em contato com a cultura histórica e a instituição eclesial.

No capítulo IV, o sentido religioso nos cantores do divino, se realiza um estudo das diferentes reformulações concernentes aos símbolos religiosos nas culturas camponesas e populares. O tema a Lourdes, assim como os outros temas religiosos do canto do divino, não pode ser compreendido senão dentro da tradição cristã do poeta camponês, que comporta um conjunto de símbolos a respeito de Deus, Jesus Cristo, da Virgem e do povo de Deus. Os recursos simbólicos da tradição cristã campesina permitem captar intimamente, no caso dos cantores, as injustiças e opressões sociais e culturais. A leitura operada pelos poetas camponeses ocorre no interior da tradição religiosa católica, isto posto, as poesias de Lourdes são definidas por uma tradição vigorosa e atual que provém de um sentido religioso permanente e reapropriado, a partir da tradição católica, no contexto de uma cultura campesina.

O capítulo V enfoca as inovações religiosas do universo Mapuche. Neste momento o autor aborda a linguagem simbólica religiosa dos Mapuches e o dinamismo das mudanças vividas pelas crenças e práticas ritualísticas destes no mundo contemporâneo. A interpretação semântica são alguns dos eixos fundamentais do universo religioso destes índios.

O capítulo VI, o simbolismo do Ngenechen Mapuche: para uma simbólica Mapuche de Deus, trata da linguagem simbólica religiosa dos Mapuches destacando o dinamismo e as mudanças vividas pelas crenças e práticas ritualísticas destes indígenas na contemporaneidade. Em um primeiro momento trata da polissemia de Ngenechen Mapuche. Depois, salienta alguns aspectos interpretativos que podem ser relevantes para a religião cristã. O simbolismo de Ngenechen Mapuche está ligado à força existente nos seres humanos e que expressa o poder do sagrado. Para alguns autores o nome dado ao deus dos mapuches é uma transmutação de nomes

e funções devido à imposição Católica. A cristianização dos indígenas foi regada por um processo de inculcação de ideias que acabaram se sobrepondo a outra raiz autóctone. As divindades ao longo do tempo vão alterando seus significados, a ponto de reformularem-se.

O capítulo VII, a religião tradicional, cristianismo e identidade cultural, avança no terreno da cultura e identidade se referindo a processos não apenas simbólicos ou míticos, mas também sociais, econômicos e políticos. O problema da identidade étnica se vincula ao tema do imaginário de que trata o livro, dado que os Mapuches consideram a religião tradicional como um elemento fundamental de sua identidade. Ademais, as reinterpretações atualmente presentes em sua religião evocam várias questões do que é específico e do que foi incorporado do cristianismo. A questão da identidade carrega um problema de interpretação intercultural bastante complexo, ou seja, trata de se definir a outra religião podendo correr o risco de delimitar a nossa própria visão religiosa, sendo um eixo importante tanto para os indígenas e para quem os estuda, pois, o que se define os nós dos eles?

Em uma análise crítica, percebo que há uma mensagem subliminar que tende a questionar o provincianismo europeu na tentativa de romper com aquela visão única que predominou no ocidentalismo. Foram identificados outros caminhos de interpretação com vistas a proteger a diversidade cultural, ao demonstrar a vitalidade cultural dos Mapuches, servindo como um pensamento crítico e alternativo, ao tentar compreendê-los com um olhar de baixo e de dentro, indo contra as forças da standardização e da uniformização presentes em um sistema econômico e hegemônico.

Assim sendo, ao longo do tempo, as pesquisas seguiram os modelos criados pelos gregos e que foram consolidados pela tradição europeia. Isso porque, como é bem esclarecido no prólogo do livro, escrito pelo professor Jovino Pizzi, a modernidade implantou um modelo sistema-mundo no qual os continentes transformaram-se em um sistema-mundo monocultural ou monoliticamente homogeneizado e consolidado a partir de uma única figura religiosa: o cristianismo. Por isso a hermenêutica intercultural é importante, para que se busque para além de um encontro cultural como também de saberes e práticas em um sentido plural. As religiões tradicionais tiveram uma capacidade criativa para responder em termos religiosos e culturais às ações das religiões universais, gerando novas e inesperadas sínteses culturais em uma perspectiva epistemológica e metodológica aberta para um novo entendimento do *ethos* cultural.

Neste entremeio de informações esclarecidas, a obra supracitada se direciona para a multidiversidade da experiência humana, não podendo ser entendida apenas em um viés universal-particular ou particular-universal, e sim, em uma perspectiva plural. Deste modo, a temática alcançou uma rica reflexão do

que se chama de religiosidade popular ao destacar a difusão dos documentos, tanto orais como escritos, expondo ao leitor a fusão entre o acervo cristão entrelaçando-o com as experiências religiosas presentes nas culturas latino-americanas em suas múltiplas inter-relações, visto que, até então, os trabalhos haviam ensejado abordagens onde havia predominância do mundo cristão nas culturas mestiças tendendo a diferenciar o universal do particular e vice-versa.

Partindo do que foi aludido, através do que o autor advoga, a potência de sua pesquisa consiste em nos ajudar a analisarmos a diversidade religiosa intercultural em outras comunidades latino-americanas em uma perspectiva plural, no que se refere ao aspecto originário das tradições dos povos e o processo de evangelização. Dentro deste ensejo, o texto de Ricardo Austrin serve como amparo teórico para várias áreas das Ciências Humanas, pois nos ocorre a repensarmos as novas problemáticas emergentes, contribuindo para que se possa dar protagonismo ao tópico do sagrado. Além disso, chama atenção para o fenômeno midiático das manifestações religiosas, tendo em vista que as indústrias culturais consolidam novas imagens, símbolos que transfiguram os imaginários tradicionais. Assim, através da mudança do tempo, a linguagem religiosa ganha novos contornos e interpretações. Estas podem ser questionadas acerca de seus dogmatismos, introduzindo e a introdução de elementos e procedimentos condizentes com uma sociedade plural e intercultural.

Em suma, as ponderações advindas do sagrado e do religioso obedecem um processo dinâmico de uma sociedade que vive a égide de constantes transformações. Assim, repensar a presença das religiões, observando suas especificidades, nos ajuda na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e hospitaleira. Destarte, a temática filosófica que engloba o simbolismo religioso é latente para o pensamento latino-americano dos povos, porque consolida a identidade e a memória destes, projetando uma autêntica atividade criadora. Portanto, é muito profícuo assimilar as diversas identidades latino-americanas, sendo que, compreender o outro é também compreender a si mesmo.

Tais elocuições aqui apresentadas são extraídas da obra do professor Ricardo Florentino Salas Astrain, professor do departamento de Sociologia e Ciência Política e investigador do principal Núcleo de Estudos Interculturais da Universidade Católica de Temuco (NEII). Sua tese de doutoramento trata da hermenêutica da linguagem religiosa Mapuche. Astrain, neste terreno de pesquisa, é detentor de vários artigos sobre religião e cultura Mapuche que se encontram, em parte, neste livro. Ademais, também é autor do livro *Ética Intercultural*. Suas investigações mais recentes aprofundam perspectivas sobre a identidade e modernidade do pensamento latino-americano.



Finalizo apontando que a temática supracitada serve como escopo para quem estuda etnias e os processos migratórios, porquanto, entendo que as religiões asseguram um ordenamento de valor em cada cultura. Assim, dentro dos processos étnicos, há um entranhado de símbolos, imaginários religiosos que precisam ser analisados a partir de uma rede de significações e operações teóricas e metodológicas, no encontro com culturas distintas. Nos aproximarmos de uma cultura diferente da nossa requer que nos compreendamos com maior profundidade. Neste viés é imprescindível examinarmos a noção filosófica da hermenêutica intercultural, pois, dentro deste marco, é relevante o estudo das pautas tradicionais de desenvolvimento com as novas culturas. Ou seja, a integração deste migrante frente aos desafios que advieram ao conviver com uma nova nacionalidade, resultando em um processo de hibridização<sup>2</sup>, no qual se dá uma mescla cultural e religiosa. Assim como, tanto os indígenas como os imigrantes, também se integraram em um processo de tradição e inovação religiosa nas suas organizações comunitárias. Todavia, é importante perquirirmos de que forma essa integração de novos elementos impactam em suas culturas e no *ethos* religioso. Sendo assim, o papel da linguagem e da simbólica religiosa é imprescindível para que se possa ser ético ao adentrarmos em contato com o interétnico, em busca de uma cultura que realmente seja enriquecedora, em um diálogo que propicie a hospitalidade entre a cultura nacional e a do migrante.

---

2 Conceito trabalhado por N. García Canclini.